

A psicanálise é um tipo de saber relativamente novo, se tivermos em mente as origens da humanidade. Teve os primórdios de sua teorização no final do século XIX, o chamado Século das Luzes, sendo a sua consolidação continuada no século XX.

A Primeira Guerra Mundial veio trazer uma validação para os conceitos psicanalíticos que iam surgindo. A ruptura da razão, já anunciada por Freud, foi demonstrada com o início da guerra, trazendo à tona uma visão pulsional dos processos históricos coletivos. Na guerra, a pulsão é superdimensionada, e pode-se ver que a tradição é extremamente precária e a cultura tem limitações, além de se ver que tudo que é produzido pelo ser humano é relativo. Isso inclui a quebra dos padrões e dos ideais de normalidade. Essa constatação veio dar uma credibilidade crescente à psicanálise, com maior divulgação e prestígio para esse saber do não sabido, que então se impunha.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, ainda mais ampliada e agressiva, corroborou a aceitação dos achados da psicanálise. A partir de então, a mudança dos padrões da modernidade foi se instalando, com uma progressão nunca antes vista.

Os anos 60 e 70 do século XX foram determinantes para que uma nova mentalidade aparecesse, principalmente na questão da sexualidade, já agora menos atrelada à moral vitoriana, sob a qual vivia Freud. Passou-se de uma grande repressão às pulsões a uma busca incessante da permissividade, o que incluiu maior visibilidade aos dissidentes sexuais, que agora são mais autorizados a exigir respeito coletivo à sua subjetividade. Os 'diferentes', antes assujeitados a prisões e tratamentos químicos que os tornariam inativos e abúlicos ao sexo, fazem movimentações para serem aceitos e para se inserirem na sociedade assim como são. Novas nomenclaturas emergem desse caldo de cultura expansionista e receptiva às diferenças sexuais.

As conquistas tecnológicas ratificam essas transformações, acopladas às mentalidades reinantes. Um avanço retroalimenta o outro e faz com que a própria psicanálise, que ajudou a gestar as mentalidades pós-modernas, passe também a se preocupar com seus construtos teóricos e tenha que se desinstalar de uma postura mais acomodada, buscando entender os novos fenômenos que surgem.

Este número da *Reverso*, apresentando artigos que fizeram parte da XL Jornada do CPMG, vem contemplar a mudança dos padrões quanto a gênero e transexualidade, fenômenos que nos ocupam neste tempo, questionando a anatomia e querendo investigar suas vicissitudes. Tudo isso para que se possa compor um novo quadro da clínica, que nos apresenta casos até então raros e que hoje se multiplicam, trazendo sempre um desafio para a psicanálise e os psicanalistas.

A *Reverso* 84, do segundo semestre de 2022, nos oferece os seguintes artigos:

### **Autor convidado**

De Nicolas Tajan, temos o título *A perversão como uma estrutura e a síndrome de Lasthénie de Ferjol*. O autor apresenta casos dessa síndrome e argumenta que ela deve ser considerada no âmbito da estrutura da perversão. O estudo contribui para a pesquisa sobre a perversão e sobre a particularidade da perversão feminina.

### **Artigos apresentados na XL Jornada do CPMG: A anatomia e suas vicissitudes**

*A anatomia é o destino, ou o destino é o que os homens fazem com a anatomia?* Com essa frase de Stoller, o autor Paulo Roberto Ceccarelli concentra-se na questão de saber até que ponto a anatomia é um dado anatômico natural ou se, assim como o gênero, é atrelada a um discurso de poder que determina o lugar do homem e da mulher no tecido social. Depois de falar do corpo e de sua percepção através dos séculos, conclui que o sexo, o gênero e a anatomia do sujeito respondem ao lugar que eles ocupam no desejo de quem acolheu a criança quando de sua chegada ao mundo, dando-lhe um berço psíquico.

O próximo artigo, *Gênero e transexualidade: algumas considerações*, escrito por Eliana Rodrigues Pereira Mendes, traz considerações históricas e sociais sobre o tema, tais como a cultura e a mídia nas mudanças de mentalidade, terminando por considerações psicanalíticas sobre os sujeitos e o que se pode esperar da psicanálise e dos psicanalistas frente a esse tema.

A seguir, Carla de Abreu Machado Derzi, no artigo *A diversidade dos gêneros e a diferença sexual*, apresenta fragmentos de dois casos clínicos que testemunham que, para além dos gêneros, resta um real de gozo no campo da sexualidade do ser falante. A partir disso torna-se necessário questionar os motivos pelos quais as manifestações clínicas contemporâneas estão a serviço do gozo, denunciando a ruptura de laços com o Outro.

### **Teoria psicanalítica**

*Da mais valia ao mais de gozar e suas vicissitudes no capital*, de Audrey Gonçalves de Castro. A autora faz uma incursão na teoria dos discursos de Jacques Lacan, enfatizando o discurso do mestre, ordenador dos demais discursos, trazendo o discurso do capitalismo, um avatar moderno do discurso do mestre, capaz de traduzir ações humanas diversas, bem como as de cunho sentimental, que envolvem a sexualidade e suas vicissitudes, passíveis de um valor expresso no consumo do objeto *a*.

*Entre laços e nós: o amor e seus (des)compassos*, de Greiciele Andrade Carvalho dos Santos, Elisabeth Fátima Teodoro e Wilson Camilo Chaves, busca refletir em que medida algumas relações se configuram pelo viés da violência. Parte-se de uma investigação psicanalítica baseada em Freud, para compreender o que leva alguns sujeitos a manifestar hostilidade dentro das parcerias amorosas, havendo uma linha tênue que aponta para uma saída possível do sujeito contra a angústia.

Em outro artigo, *Entre linguagem e gozo, a escrita do sintoma*, de Maria Lúcia Fank Pelenz e Cristóvão Giovanni Burgarelli, discute-se a tese de que a escrita do sintoma se dá tanto pela inscrição do significante quanto pelo efeito do que cai como resto dessa operação, e se fixa como gozo, convocando uma letra. O sintoma é uma metáfora da questão do ser, e o desejo é a metonímia de uma falta. O gozo sustenta o traço diferencial que os significantes encadeados entalham nas repetições sintomáticas.

O próximo artigo, de Matheus Nascimento Santos e Sarug Dagir Ribeiro, *Psicanálise e física quântica: sobre os quanta psíquicos de Marie Bonaparte*, aborda analogias psicanalíticas inspiradas na física. Partindo dos incentivos freudianos, passando pelos estudos de Marie Bonaparte sobre as objeções da temporalidade do inconsciente, chega-se a uma discussão acerca dos *quanta* psíquicos. A noção de *quantum* psíquico tem seu esteio na física quântica e deriva do fisicalismo biopsíquico bonaparteano. A teoria dos *quanta* psíquicos é trazida com questões relativas à teorização clínica e metapsicológica sobre as neuroses obsessivas.

Finalizando esta seção, temos o artigo *Sobre o nome próprio*, de Teresinha Hott Coelho e Paulo Roberto Ceccarelli. Trata da importância do nome próprio, do seu significado, do ato de nomeação e do lugar de onde se nomeia. Discorre sobre a apropriação do nome, as renomeações, a importância do uso das letras, do nome na aquisição da escrita infantil e da assinatura como marca particular da escrita do nome, além de apontar para a impossibilidade de desfazer-se de um nome dado pelo Outro.

### **Clínica psicanalítica**

Nesta seção, concluindo a lista de artigos deste número, temos o texto de Maria Mazzarello Cotta Ribeiro, *A angústia do analista e seu manejo na relação transferencial*. A autora fala do início do conceito de neurose de angústia, no qual Freud se deparou com a angústia tóxica, a realística, a neurótica e, ao final, com a angústia moral, quando então as classificou em neuroses atuais e neuroses de transferência. O conceito foi se modificando até ser descrito como um afeto anterior ao processo de recalçamento. Para Lacan a angústia é um afeto que não engana, não é sem objeto, está relacionada com o desejo do Outro, à questão do gozo, surge quando a falta falta, é uma manifestação do real. Na transferência pergunta se ela tem a ver com o desejo do analista e se será essa angústia a mesma do paciente.

Por fim, deixo meus agradecimentos à coordenadora da comissão editorial da *Reverso* Maria Mazzarello Cotta Ribeiro, sempre empenhada e eficiente em seu trabalho e a todos os colegas que compõem esta comissão: Ana Boczar, Carlos Antônio Andrade Mello, Marília Brandão Lemos de Moraes Kallas, Paulo Roberto Ceccarelli, e da qual também faço parte.

Também somos gratos à nossa competente e atenta revisora Dila Bragança de Mendonça e à prata da casa, nossa secretária Adriana Dias Bastos e à bibliotecária Marta Aparecida de Almeida e Almeida. Ainda agradecemos a nosso diagramador e projetista gráfico, Valdinei do Carmo, companheiro sempre presente em nossas edições. Quero agradecer especialmente ao amigo e talentoso artista Marco Aurélio Guimarães, que nos cedeu a linda escultura em madeira de sua autoria, que está em nossa capa, cujo título é *Vice-versa*, e ao fotógrafo Hamilton Silvester que também contribuiu com sua *expertise* para a beleza dessa capa.

Quero ainda agradecer aos autores que nos honraram com seus textos e aos leitores da *Reverso*, para quem, com alegria, dedicamos todo o nosso esforço e cuidado, na feitura desta publicação.

**Eliana Rodrigues Pereira Mendes**